



## PREVENÇÃO DE INFECÇÕES HOSPITALARES EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: PROTOCOLOS E PRÁTICAS DE ENFERMAGEM

Ana Lívia Pereira Fernandes – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

Iza Maria Araujo Lira – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

Silvia Ximenes Oliveira – Centro Universitário de Patos – UNIFIP, Patos, Paraíba, Brasil.

**Palavras-Chaves:** enfermagem na UTI; práticas de enfermagem; infecções hospitalares.

**Área Temática:** Pacientes em cuidados críticos

**E-mail do autor para correspondência:** analiviapf13@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A presença de dispositivos invasivos, procedimentos cirúrgicos e condições insatisfatórias de higiene podem levar os pacientes a desenvolverem infecções hospitalares graves. Para prevenir essas complicações, é crucial seguir protocolos assistenciais adequados, como a higienização das mãos, o uso correto de antibióticos e a administração cautelosa dos equipamentos médicos.

De acordo com Teles *et al.*, (2020) As IRAS (Infecções relacionadas à assistência de saúde) constituem um enorme desafio para a proteção do paciente e para a segurança médica. Pesquisas indicam que entre 3% e 15% dos pacientes internados desenvolvem uma infecção após a entrada no ambiente hospitalar, acarretando um alto custo financeiro para as instituições de saúde, para os pacientes e seus familiares, devido hospitalizações prolongadas e incapacidades a longo prazo, que podem levar a óbito.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de quatro bilhões de pessoas são infectadas anualmente. Milhões de pacientes sofrem de IRAS, dos quais 37.000 acabam morrendo. Nos países desenvolvidos, a incidência de IRAS é de 7,6%, uma taxa inferior à de 15,5% dos países subdesenvolvidos. Dias *et al.* (2020) afirma que de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2014). A infecção do trato urinário (ITU) lidera com 27% dos casos, seguida pela infecção das vias respiratórias (IVAS) com 24%, e a infecção do local cirúrgico, com 17%.

Um dos principais fatores de risco para adquirir infecções hospitalares é a internação

prolongada dos pacientes. As IRAS são mais comuns em Unidades de Terapia Intensiva, nas quais a longa permanência do indivíduo assistido pode expô-lo a bactérias resistentes e subsequente seleção natural de microrganismos. Como consequência desse processo, há demanda de serviços mais complexos e atraso na recuperação dos pacientes.

Logo, analisando a importância da temática abordada, o presente trabalho visa relatar o papel do enfermeiro na prevenção de IRAS, promover a identificação de necessidades para estudos futuros sobre o tema e preencher possíveis brechas nas produções científicas.

## 2. MÉTODO

Este é um estudo de revisão integrativa da literatura, com uma abordagem descritiva, que envolve a avaliação detalhada da produção científica, permitindo a organização conceitual do problema proposto pelo estudo. A questão principal que norteou toda a pesquisa foi a contribuição da enfermagem na prevenção de infecções hospitalares em UTIs.

Foram utilizadas como fonte de dados as plataformas digitais Scielo e o Google acadêmico no intervalo de tempo de setembro a outubro de 2024. Durante a busca, foram analisados criteriosamente diversos artigos que abordavam sobre o tema deste estudo. Os seguintes descritores foram selecionados: Enfermagem na UTI; práticas de enfermagem e infecções hospitalares.

Para a pesquisa na literatura, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: Artigos pertinentes ao tema proposto; redigidos em português; publicados a partir de 2020. Foram excluídas da coleta as publicações prévias à data limite; não associadas aos objetivos da pesquisa; que não se encontram disponíveis na íntegra.

Através da avaliação e análise dos dados coletados buscou-se destacar as táticas empregadas pelo enfermeiro para lidar com a problemática abordada, evidenciando a importância das estratégias adotadas pelo profissional de enfermagem.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estas infecções são frequentemente associadas à internação em unidades de terapia intensiva, representando um problema emergente de saúde pública. Isso se deve ao fato de potencializarem a morbidade, mortalidade e os custos assistenciais. Uma pesquisa feita no Brasil calculou os custos de ocupação diária total e média por paciente com ou sem IRAS e constatou que os gastos com tratamento de um paciente com IRAS são 55% maiores do que os de um paciente sem IRAS (ANVISA, 2021). Ademais, é evidente que essas infecções comprometem a segurança do paciente e a excelência dos serviços de saúde, tornando a assistência adequada em UTIs num instrumento imprescindível para a prevenção de IRAS.

Até recentemente, o Brasil dava pouca importância à questão fundamental do controle

de infecções, contudo, essa situação tem sofrido alterações nos últimos anos, pois medidas significativas foram implementadas para regular e prevenir as infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS). Foram promulgadas leis e realizados investimentos na formação de profissionais de saúde para a aplicação de estratégias como protocolos de "Precauções Padrão", que têm o objetivo de diminuir o risco de complicações relacionadas às IRAS. A execução dessas ações englobam a higienização correta das mãos, a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI), o uso correto de antimicrobianos, ampliação do monitoramento da incidência de IRAS e o descarte correto de objetos perfurocortantes, que são medidas indispensáveis na luta contra as IRAS.

Seguir esses protocolos é fundamental, pois traz vantagens diretas como a diminuição das infecções hospitalares, a redução do tempo de permanência dos pacientes nas UTIs e a melhoria na qualidade dos atendimentos. Portanto, a aplicação vigilante dos protocolos de controle de infecções estimula uma cultura de segurança entre os profissionais de saúde, elevando a conscientização e a responsabilidade acerca do cuidado prestado.

Segundo Dionísio *et al* (2023) O paciente está propenso a infecções devido à sua microbiota natural, que pode ser passada de geração em geração através do time de especialistas em saúde, em situações específicas onde o profissional não higieniza corretamente as mãos após atender um paciente.

Portela e colaboradores (2020) realizaram um estudo sobre o tema, que fala especificamente sobre a relevância da higienização das mãos em Unidades de Terapia Intensiva e os riscos de infecções associadas à prestação de serviços de saúde. O propósito deste estudo foi examinar a literatura acerca das práticas de higiene das mãos em unidades de terapia intensiva neonatal e adulta e suas potenciais conexões com as infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS).

No relatório final, verificou-se que a aderência dos profissionais de saúde à higienização das mãos antes do contato com o paciente é menor, enquanto a adesão após o contato é maior. Houve, portanto, uma maior adesão dos profissionais à higienização das mãos nas instruções voltadas para a proteção do profissional de saúde, em contraste com as orientações voltadas para o paciente. Logo, destaca-se a importância de implementar ações educativas para conscientizar os profissionais de saúde, especialmente em atividades na UTI, uma vez que a higienização das mãos é uma prática mais apropriada e eficaz no controle de IRAS (PORTELA *et al.*, 2020).

#### 4. CONCLUSÃO

A atuação dos profissionais de Enfermagem é fundamental para a comissão de

controle de infecções hospitalares (CCIH), portanto, é essencial que estes sejam qualificados e instruídos, para que saibam lidar com as possíveis adversidades da rotina nas UTIs.

Silvia *et al.*(2022) Cita em seu artigo que em relação às iniciativas direcionadas à CCIH, é de extrema importância a elaboração de normas e protocolos eficientes para combater as IRAS. As pesquisas analisadas correlacionam fatores de risco recorrentes no desenvolvimento de tais afecções, como a quantidade de procedimentos invasivos executados, falta de higiene adequada, uso de adornos e leitos contaminados.

Portanto os profissionais da saúde devem colocar em prática os protocolos assistenciais, desde a entrada do paciente na unidade hospitalar. A anamnese deve ser completa, incluindo o histórico do paciente, sondando possíveis comorbidades que constituem como fator de risco individual para contrair infecções, e interpretando adequadamente os exames complementares. Na admissão à UTI, a higienização do paciente somada à desinfecção do local onde permanecerá internado são práticas essenciais, especialmente antes de procedimentos cirúrgicos. Estas medidas, fundamentadas por evidências científicas, quando aplicadas, resultam no incremento da qualidade de assistência e saúde.

Deve ser realizada uma busca ativa e contínua para identificar pacientes acometidos pelas IRAS, com o propósito de aplicar medidas de isolamento, transferindo-o para um quarto individual, para evitar a disseminação. Deve-se atentar também ao uso correto de EPIs por parte dos profissionais quando entrarem em contato com esses pacientes, avaliar se as condutas e padrões existentes são eficientes.

A prudência e perícia técnica dos membros da equipe de saúde são qualidades diretamente relacionadas à melhora do serviço prestado, já que as assistências prestadas deve ser cientificamente acurada.

## REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, T. L., MELO, P. C. D. C., Vaz, E. C. T., JÚNIOR, A. C. D. C., PEREIRA, E. B. S., BRAGA, I. A., JÚNIOR, N. F. D. P. (2024). Prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde em Unidade de Terapia Intensiva Adulto: o olhar da equipe de enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 24(7), e16260-e16260. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/16260>>
- SANTOS, A. D. S., SILVA, F. R. D. S., FERREIRA, R. D. S., DA SILVA, W. A., CORREIA, J. M. (2022). Importância da enfermagem no controle de infecções na unidade de terapia intensiva. *International Journal of Health Sciences*, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://ijhs-pdvs.instituoidv.org/index.php/Ijhs/article/view/77>>
- TELES, J. F., SOUZA, B. V. N., OLIVEIRA, E. F. D., MARTINS, M. R. (2020). Medidas de prevenção à infecção hospitalar em unidades de terapia intensiva. *Enfermagem Brasil*, 19. Disponível em: <<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/2658>>



# 1º CIPENF

## CONGRESSO INTERDISCIPLINAR EM PRÁTICAS DE ENFERMAGEM



FONSECA, L. D. C. T., SOMAVILA, L., ALENCAR, A. D. S., NASCIMENTO, R. S. D. Protocolos e condutas sobre a prevenção de infecções no centro cirúrgico: atualizações e possibilidades. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 7, n. 14, p. e141152, 28 maio de 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1152>>. Neto, L. V., Dias, M. G. G., RIBEIRO, M. C. M., LIMA, R. N. (2020). Prevenção e controle de infecções: cateter venoso central em unidade de terapia intensiva adulto. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS, 2(4). Disponível em: <<https://revistatest2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/187>> PORTELA, D. D. A., MOUTA, A. A. N., ALVES, A. R. R., ALMEIDA, F. C. R. D., SILVA, A. C. B. D., LOPES, P. F., GÂNDARA, B. F., MENDES, E. D. A. S., ALBUQUERQUE, V. A., BELTRÃO, R. P. L. A importância da higienização das mãos nas unidades de terapia intensiva: os perigos das infecções relacionadas à assistência à saúde. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 9, p. e3854, 19 set. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e3854.2020>>. RÊGO, T. C. R., SANTANA, F. F., PASSOS, M. A. N. (2023). Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 6 (13), 121-133. Disponível em: <<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/550>>